

Índice

Prefácio de Afonso Reis Cabral	9
--------------------------------	---

Jogos de Azar

A Charrua entre os Corvos	21
Carta a Garcia	25
Amanhã, se Deus Quiser	45
Os Caminheiros	59
Dom Quixote, as Velhas Viúvas e a Rapariga dos Fósforos	75
Uma Simples Flor nos Teus Cabelos Claros	105
Ritual dos Pequenos Vampiros	119
Estrada 43	139
<i>Week-end</i>	155
A Semente Cresce Oculta	165

Uma frigideira com iscas a rufar em lume brando; lá no alto, o esguicho áspero dum bico de acetilene.

Com três badaladas, uma bandeirola tombou no poste da estação, ao pé da alavanca das agulhas, e depois só ficou a voz de um homem gordo na carruagem da cauda:

«De então para cá já gastei para cima de seis contos. Seis contos só em papelada, é preciso que se note. E agora as viagens? E agora o doutor? E gratificações? E pedidos?»

O revisor fez que sim com a cabeça, porque seis contos é obra, e acrescentou:

«O cabo vai cheio de medo.»

O homem gordo continuou a contar as suas queixas. Mas nesse próprio instante a carruagem estremeceu e o barulho das molas rangendo não deixou perceber a horrível moléstia dos suínos que, segundo ele, alastrava por Campo Maior, nem a pendência que travara com o cunhado no tribunal da comarca.

O comboio arrancou. Logo a seguir começaram a desfilar pelas janelas o relógio, o chefe da estação, o vulto de um velhote sacudindo uma lanterna, as sentinas HOMENS, SENHORAS, e, pronto, a luz recortou-se nas vidraças, correu por terrenos baldios.

«Vai assim, o cabo.» O revisor fez um gesto com os dedos a explicar a que ponto o outro ia encolhido. «Assim», disse ele. «A esta hora nem um feijão lhe cabe no rabo.»

O sujeito gordo escancarou a boca. Jurou mais uma vez que em pendências de juizes os da família ainda eram os piores e desatou a rressonar.

Foi assim, neste quadro, que o Oito-Correio partiu da estação de Pinhal Novo, levando na carruagem da cauda um revisor de terceira, um negociante e três correços sentados no banco fundeiro, conduzidos por uma escolta de seis praças e um cabo. E todos eles, passageiros e militares, iam envolvidos numa poeira pesada de fumo de tabaco e de luz baciata, e todos gingavam os corpos aos solavancos da carruagem.

Para se equilibrarem melhor, os homens da escolta seguiam agarrados ao cano das armas, as coronhas bem fincadas no chão. Amparavam a cabeça nos braços tensos, mas quando o sono os começava a tomar e os pulsos cediam ao peso do tronco, a coronha das carabinas resvalava pelo pavimento e acertava num dos capacetes de aço espalhados aos pés dos soldados. Então alguém dizia:

«Parece que está vivo, pá.» E uma bota negra e enorme arrasava o capacete até ao lugar anterior.

Depois disto o militar estremunhado ajeitava-se no banco, deitando as mãos à arma com força redobrada. Mas em breve estava como os outros, os músculos ardendo-lhe, a carne pesada, os olhos brilhando de sono e de esforço como duas pontas de baioneta a espreitarem no corpo enrodilhado.

O cabo da escolta acendeu um cigarro. Chupou-o com força e, enquanto expelia o fumo pelo nariz, pôs-se a riscar o chão com a bota, pensativo.

Ao pé da coronha, duas pontas de cigarro espetadas num escarro meio seco, mais além outras, cascas de laranja e de amendoim, pontas e mais pontas. Um pouco acima, a meia altura dos joelhos, alinhavam-se as culatras, com os fechos na posição de segurança, e, finalmente, o cano das armas, as baionetas e as cabeças dos militares a bailarem, sem vontade, com a marcha do comboio. Tinham sido rapadas à navalha, cheias de marcas e de cicatrizes.

Só o detido do meio seguia de cabeça coberta, e tão encafuado levava o bivaque que lhe escondia as feições. Restava-lhe, quando muito, um bigode negro espalmado entre as abas levantadas do capote, a saltar de ombro para ombro dos outros dois presos, com os balanços da carruagem. A dada altura lembrou-se de perguntar:

«E o vinho?»

«Tens tempo», acalmou-o o correço da direita. «Compra-se agora na próxima paragem.»

«Não, na próxima paragem não podem vocês comprá-lo. É um apeadeiro, não dá tempo para demoras.»

«Não dá tempo? Quem é que disse a você que não dá tempo?»

O cabo encolheu os ombros:

«E ele a teimar. Compra-se aqui, compra-se acolá... Mas compra o quê?»

«O vinho, nosso cabo», tornou o preso. «Só uma gota para desfazer o melão.»

«Come-se muito bem sem vinho. Ou você cuida que eu venho aqui para arranjar sarilho?»

O detido da direita ouvia tudo de cabeça baixa mas neste instante não se conteve:

«Sarilho? Quem é que fala aqui em sarilho, nosso cabo? Vocês não estão a ouvir isto? Estás a ouvir isto, Espanhol?»

O prisioneiro chamado Espanhol estava a ouvir, estava. Sorria lá muito no íntimo, o bigode negro dançava entre as abas do capote. Preso à esquerda, preso à direita, e entre esses dois ele: um bigode.

Mas o da direita não se calava:

«Sarilho, vejam lá. Você está a sonhar com bruxas, nosso cabo?»

«Disseste, Zabelinha. Agora é que tu disseste tudo.»

Zabelinha sorriu. Tinha umas faces de rapariga e a malícia inundou-lhas com um brilho vago. Espanhol também sorria, mas sorrateiramente, de cabeça baixa; ele e o outro prisioneiro pareciam senhores de qualquer segredo que os divertia.

«Não, que eu bem sei no que isso dava», afiançou o cabo. «Com que então uma gota para desfazer o melão? Estava boa a gota, não haja dúvida.»

«Homem, era só uma gota. Ou você cuida que a gente trazia para aqui alguma pipa?»

Zabelinha gargalhou:

«Boa, Dois-Sessenta-e-Três. Marca lá um tento com essa.»

Riu mais ainda. Ria sozinho e falava numa pipa que havia na terra dele onde um homem se podia enterrar até aos peitos, e com aduelas mais grossas que punhos e uns aros assim. Nem três gigantes de mãos dadas eram capazes de abraçar um tonel daqueles.

«Bom e depois?», cortou secamente Dois-Sessenta-e-Três. Estava sério, talvez enojado de tanta conversa. «Que é que a gente tem com isso?»

O outro encolheu-se. Mas Dois-Sessenta-e-Três nem se dignou esperar por uma resposta, uma justificação. Pusera-se de pé e, muito simplesmente, tirava o melão da rede. Agora segurava-o com cuidado. Cá de baixo todos deitavam os olhos àqueles dedos grossos chapados na casca rugosa.

«Mas para que diabo quer você o vinho?»

«Para que é que eu quero? Essa é boa, nosso cabo. Então, você acha que a gente come isto com mijo? Veja lá se acha, que é só emborcar o capacete.»

Sustinha o melão no ar à altura da cabeça dos companheiros, sentindo nas mãos a aspereza da casca rija quase a ceder ao mar de sumo que lhe ia dentro. Ao mesmo tempo os olhos estavam-lhe suspensos da figura do cabo, sentado diante dele, com os dedos grudados ao cano da arma e um cigarro sem lume pendurado nos beiços. Esperava uma resposta do cabo e, como ele, todos os restantes soldados. Só que esses sorriam.

«Bom», disse o outro por fim. «E se eu autorizasse, onde é que vocês o traziam?»

«O quê? O mijo, nosso cabo?»

Estalaram gargalhadas. Zabelinha torceu-se todo a rir, a rir até as goelas se lhe embaraçarem e o sangue lhe arder na cara. «Ih, ih», fazia ele. «Ih, ih...»

Dois-Sessenta-e-Três tinha ganho tempo. De pé, ao lado dos outros prisioneiros e enfrentando a escolta, explicou então, com um jeito manhoso a arrepanhar-lhe a cara:

«Muito simples. Enchiam-se dois ou três cantis dele, nosso cabo.»

«Sim? E vamos que dum momento para o outro aparecia por aí a ronda? Quem é que se tramava? Era eu ou vocês?»

O cabo fez a pergunta e estendeu o cigarro a pedir lume. Pegou-lhe primeiro com a mão direita, mas apressou-se logo a passá-lo para a esquerda, de modo a poder empunhar a espingarda com a outra mão em caso de necessidade.

Da ponta de lá da carruagem o revisor não lhe perdeu o gesto.

«Medroso», observou ele a meia-voz. «Medroso que nem um coelho.»

Respondeu-lhe um ronco do sujeito gordo. Roncou a mastigar saliva com palavras soltas (farrapos de sonho) coçando-se e remexendo os beiços para voltar a ressonar compassadamente. O suor brotava-lhe das papadas lustrosas para os colarinhos ensebados.

O revisor abriu a janela. À volta, campos mansos, campos e mais campos, enrolados nas trevas de chumbo. A noite estava quente e, ao correr dela, a locomotiva cuspiam faúlhas que se pregavam no ar com um ruído breve de papel rasgado.

«Senta-te», ordenou o cabo, e também isso não passou despercebido ao revisor. Estava à janela mas acompanhava a cena dos militares no compartimento do fundo. «Senta-te, já disse.»

Dois-Sessenta-e-Três olhou para o Espanhol, olhou para Zabelinha, enfim, olhou talvez para ele próprio, e obedeceu. Ficou calado, com o melão nos joelhos. O revisor então debruçou-se um pouco mais à janela, muito só.

Nem uma aragem. E apesar disso os correços levavam os capotes vestidos, amarrados na cintura com um cordel, já que os

presos, como toda a gente sabe, devem seguir sem cinturão nem insígnias da unidade. Estes três iam no banco do fundo, guardados por uma escolta de sete homens que se sentavam diante deles, com os capacetes aos pés.

Só Zabelinha trazia o capote aberto: de alto a baixo havia uma fileira de pontos a marcar o sítio onde faltavam os botões. Durante a viagem passava continuamente os dedos ao de leve por aquelas linhas torcidas e quebradas e tinha nisto um certo prazer, sentindo os espigões eriçados de encontro à pele. A bem dizer, era o que as suas mãos faziam constantemente quando não esgravatavam o nariz.

«Minha loba», resmungava a todo o passo, afagando sempre o capote sem botões. «Anda cá, minha loba...»

Embora calma, a voz saía-lhe carregada. Uma praça da guarda achou que não era nada daquilo, que ele não sabia imitar bem:

«O sargento nunca trata ninguém por tu. *Sua loba. Venha cá, sua loba...*, assim é que o gajo diz. É ou não verdade, Dois-Sessenta-e-Três?»

Dois-Sessenta-e-Três fez peito, cerrou os dentes e tirou pelo canto da boca um vozeirão lento, manhoso:

«*Sua loba...* Então que tal o passeio, sua loba?»

Os soldados acotovelaram-se, às risadas. Zabelinha riu forte e enquanto riu pôs-se a cacarejar «o filho duma cabra, o filho duma cabra», mas nem os outros dois presos nem os homens da escolta o entenderam, porque as gargalhadas acabaram por arranhar-lhe a garganta e a tosse tomou-o todo até às lágrimas.

«Venha cá, sua loba...», imitava o preso Dois-Sessenta-e-Três, e todos riam. «Com que então desertou para jogar ao botão? Foi isso, sua loba?»

Zabelinha estrebuchava, sacudia as abas do capote. Por fim lá conseguiu serenar: deitou a cabeça para trás, contra as costas do assento, como quem toma alívio, como quem se liberta dum esforço doloroso.

«Oxalá a gente não o tope esta noite», murmurou daí a nada. Tinha agora o olhar parado, as palavras macias e calmas.